



A dança do bate pau: Uma dança indígena com influência portuguesa?

The dance of bate pau: an indigenous dance with portuguese influence?

La danza Beat Pau: ¿una danza indígena con influencia portuguesa?

Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha¹

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPAQ/UCDB)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar se houve a influência cultural e popular, no caso a Dança dos Pauliteiros, de Portugal, na dança indígena Terena, Dança do Bate Pau, e a influência da região do Concelho de Miranda do Douro, de Portugal, no nome da pequena cidade de Miranda, Mato Grosso do Sul, Brasil. A metodologia utilizada foi a pesquisa exploratória, desenvolvida por meio de entrevista informal na Aldeia Limão Verde com o cacique da Aldeia e diretamente envolvido com os rituais de danças indígenas na população Terena, e no Concelho de Miranda do Douro, Portugal, com os tocadores de gaita de foles e bumbo, integrantes do grupo dos Pauliteiros de Miranda. Os resultados indicam que ambas as danças representam a identidade popular de cada grupo, são apresentadas em datas festivas e especiais para cada grupo e representam, na tradição dos índios Terena, os momentos que antecedem ou finalizam as guerras travadas. Na dos Pauliteiros de Miranda, são festas mais de cunho popular, mas que antes, representavam também as lutas e, quando executadas nos solstícios de verão e inverno, representam as festividades da colheita e saúdam os diversos trabalhadores rurais. As danças sempre foram restritas aos homens, mas, em ambas, já existem mulheres executando-as, sendo uma coreografia diferenciada. Evidenciou-se que, nas danças indígenas, essas contêm várias características da Dança dos Pauliteiros, ou quem sabe o contrário, sendo que se pode inferir ter traços semelhantes, e poderíamos até depreender uma forte influência da dança portuguesa na dança dos indígenas em função das incursões dos desbravadores espanhóis em terras das Américas, mas acreditamos que é apenas uma mera coincidência, em função da representação das lutas nas guerras. No caso de se ter havido a influência da região do Concelho de Miranda do Douro no nome da cidade de Miranda, de MS, concluiu-se não haver correlação, pois o motivo do nome foi apenas uma homenagem a um antigo governador, tendo sido apenas uma coincidência toponímia.

Palavras-chave: Danças Folclóricas; Danças Indígenas; Danças dos Pauliteiros; Dança do Bate Pau.

¹ Pós Doutoranda em Educação pela UCDB, Doutora pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto - Portugal, bolsista do Programa Erasmus Mundus (2018), professora efetiva da UFMS - campus de Aquidauana (2009). Trabalha com elaboração de projetos na educação indígena Terena. Graduada em Pedagogia pela UCDB. Curso de Filosofia pelo IRPAMAT. Possui Pós-Graduação em Planejamento Educacional pela UCDB. Mestre em Educação pela UCDB - Diversidade Cultural e Educação Indígena. [0000-0001-8711-7874](tel:0000-0001-8711-7874). Endereço eletrônico: facdf@hotmail.com; fatima.cunha@ufms.br.



ABSTRACT

This study aimed to verify if there was the cultural and popular influence, in this case the Dance of the Pauliteiros, Portugal, in the Terena indigenous dance, Bate Pau Dance, and the influence of the region of the Municipality Miranda do Douro, Portugal, in the name of the small town of Miranda, in Mato Grosso do Sul, Brazil. The methodology used was exploratory research, developed through an informal interview in Aldeia Limão Verde with the village chief and directly involved with the rituals of indigenous dances in the Terena population, and in the Municipality of Miranda do Douro, Portugal, with the bagpipe and drum players members of the Pauliteiros de Miranda group. The results indicate that both dances represent the popular identity of each group, are presented on festive and special dates for each group and represent, in the tradition of the Terena Indians, the moments that precede or end the wars fought. In the Pauliteiros de Miranda, they are more popular parties, but that before, they also represented the struggles and, when performed on the summer and winter solstices, represent the harvest festivities and greet the various rural workers. Dances have always been restricted to men, but in both, there are already women performing them, with a differentiated choreography. It was evident that, in indigenous dances, these contain several characteristics of the Dance of Pauliteiros, or who knows? of the incursions of the Spanish pathfinders in lands of the Americas, but we believe that this is just a mere coincidence, due to the representation of the struggles in the wars. In case there was the influence of the region of the Municipality of Miranda do Douro in the name of the city of Miranda, MS, it was concluded that there was no correlation, because the reason for the name was only a tribute to a former governor, having been just a coincidence toponymy.

Keywords: Folk Dances; Indigenous Dances; Pauliteiros dances; Bate Pau dance.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo verificar si hubo una influencia cultural y popular, en este caso la Dança dos Pauliteiros, de Portugal, en la danza indígena Terena, Dança do Bate Pau, y la influencia de la región de Miranda do Douro, de Portugal, en el nombre de la pequeña ciudad de Miranda, Mato Grosso do Sul, Brasil. La metodología utilizada fue una investigación exploratoria, desarrollada a través de una entrevista informal en Aldeia Limão Verde con el jefe de Aldeia y directamente involucrado en rituales de danza indígena en la población de Terena, y en el Municipio de Miranda do Douro, Portugal, con músicos de gaita y bombo. Del grupo de Pauliteiros de Miranda. Los resultados indican que ambos bailes representan la identidad popular de cada grupo, se presentan en fechas festivas y especiales para cada grupo y representan, en la tradición de los indios Terena, los momentos que preceden o terminan las guerras libradas. En los Pauliteiros de Miranda, son fiestas más populares, pero antes también representaban luchas y, cuando se realizan en los solsticios de verano e invierno, representan las fiestas de la cosecha y saludan a los diversos trabajadores rurales. Los bailes siempre han estado restringidos a los hombres, pero en ambos ya hay mujeres que los interpretan, con una coreografía diferenciada. Era evidente que, en las danzas indígenas, estas contienen varias características de la Danza de los Pauliteiros, ¿o quién sabe lo contrario?, y se puede inferir que tienen rasgos similares, e incluso podríamos inferir una fuerte influencia de la danza portuguesa en el danza de los indígenas debido a las incursiones de los conquistadores españoles en tierras de América, pero creemos que esto es solo una mera coincidencia, por la representación de las luchas en las guerras.

En caso de que existiera la influencia de la región de Miranda do Douro en el nombre de la ciudad de Miranda, en MS, se concluyó que no existía correlación, ya que el motivo del nombre era solo un homenaje a un exgobernador, habiendo solo Ha sido una coincidencia toponimia.

Palabras llave: Danzas Folklóricas; Danzas indígenas; Danzas Pauliteiros; Danza del Bate Palo.



Introdução

As manifestações culturais de um povo representadas pela dança e música revelam as características necessárias sob um olhar crítico construído a partir do enfoque teórico produzido no campo antropológico, das artes, da comunicação e na trajetória pessoal e comunitária de determinada sociedade quando a dança é o ponto de partida para que se proceda a sua análise relacionada à memória e a resistência das manifestações culturais para que não pereçam e não desapareçam aniquilando-se, assim, a memória identitária de um povo e o seu cotidiano expressos nos preparativos para os ritos da música e da dança.

Dito isso, inicialmente, o interesse em desenvolver este trabalho de pesquisa surgiu em virtude de a pesquisadora, ao folhear uma revista sobre danças tradicionais de Portugal, deparou-se com uma reportagem sobre a dança dos “Pauliteiros de Miranda” e, a esse fato, o que lhe chamou a atenção, em primeiro lugar, foi que a dança era composta por homens em pares e com pequenos paus, que batiam de acordo com a coreografia. Em segundo lugar, o nome “Miranda”, alusivo à cidade de Miranda do Douro, em Portugal.

E, a essas “coincidências”, imediatamente, a pesquisadora relacionou-as com o seu local de origem, a região de Mato Grosso do Sul, a qual possui a maior reserva indígena Terena do Brasil², e a cidade de Miranda, localizada a 70 km da cidade de Aquidauana, onde reside e trabalha com questões indígenas.

A correlação se deu a partir de a região de Aquidauana possuir várias aldeias indígenas Terena e uma, especificamente, a Aldeia Limão Verde, possuir uma característica identitária como a Dança do *Kohixoti-Kipaé* – a Dança da Ema -, também popularmente mais conhecida como Dança do Bate-Pau.

Como a autora estava em Portugal, foi até a região do Concelho de Miranda do Douro para pesquisar um pouco mais e verificar a possibilidade de a Dança dos Pauliteiros de

² O Mato Grosso do Sul abriga uma das maiores populações indígenas do país. Os Terena, por contarem com uma população bastante numerosa e manterem um contato intenso com a população regional, são o povo indígena cuja presença no estado se revela de forma mais explícita, seja por meio das mulheres vendedoras, nas ruas de Campo Grande, ou das legiões de cortadores de cana-de-açúcar que periodicamente se deslocam às destilarias para changa, o trabalho temporário nas fazendas e usinas de açúcar e álcool. (<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena>, acesso em 04/01/2021, às 21:00 horas).

Miranda terem influenciado, e, quiçá, ter sido a origem da Dança do Bate-Pau, da etnia Terena, assim como o nome Miranda ter influência no nome da pequena cidade de Miranda/MS.

Tal indagação se deu pelo motivo de a dança indígena ter peculiaridades e singularidades diferenciadas de determinados tipos de dança, cujo aspecto é mais o cultural. Nesse sentido, a dança indígena simboliza seus rituais com o intuito o mais variado possível tal como o de destacar seu espírito de luta; agradecer a colheita; expulsar doenças; marcar mudança de fase do jovem para a idade adulta; espantar maus espíritos; a caça; dentre outros.

Sendo assim, o objetivo desse artigo é utilizar a historicidade da manifestação, por meio da música, sobre os ritos que envolvem tanto a Dança dos Pauliteiros de Miranda e a Dança do Bate-Pau a fim de averiguar se houve ou não influência de uma sobre a outra.

A metodologia utilizada trata-se de uma revisão bibliográfica utilizando o método de pesquisa exploratória por esse ser o mais indicado a averiguar informações e correlacioná-las a fim de se obter as possíveis verossimilhanças do objeto investigado de forma qualitativa.

E também pode-se afirmar tratar-se de um relato pessoal, haja vista a investigadora ter participado de experiências nas duas formas de manifestação no Brasil e em Portugal por força do desenvolvimento de suas atividades acadêmicas realizando entrevistas informais na Aldeia Limão Verde, em Mato Grosso do Sul, com alguns integrantes Terena, e no Concelho de Miranda do Douro, Portugal, com alguns músicos.

1. Marco conceitual: A Dança dos Pauliteiros de Miranda

Durante as pesquisas, o primeiro texto no qual se teve contato foi o de Barbara Alge (2007), escrito para a sua tese de mestrado intitulada “Continuidade e mudança na tradição dos Pauliteiros de Miranda (Trás-os-Montes, Portugal)” e defendida na Universidade de Viena, Áustria, em 2004. Em seu estudo, ela explicita que os Pauliteiros não se restringem apenas ao Concelho de Miranda, mas existem em outras localidades próximas. Segundo a autora, “Pauliteiros” – palavra que deriva de “paulito” – significa vara pequena.

De acordo com Nunes (2018, p. 3), a Dança dos Pauliteiros constitui uma das expressões etnomusicais mais identificadoras da terra e das gentes de Miranda do Douro,



sendo uma significativa manifestação da identidade cultural, tendo “[...] adquirida características muito próprias, quer do ponto de vista coreográfico e musical quer no que se refere aos respectivos trajes e contextos performativos tradicionais”.

Contudo, de onde vem esta tradição? De acordo com a Vortex Magazine (2021, p. 2)³, a Dança dos Pauliteiros não tem origem definida, porém:

há quem defenda que se trata de uma dança guerreira, que descende de tempos Greco-romanos e que os homens foram adaptando e transformando à sua maneira.”. Assim conforme este ponto de vista, “os paus mais não são do que a substituição do escudo e da espada. É por isso que o pau da mão esquerda defende e o da mão direita ataca (VORTEX MAGAZINE, 2021, p. 2).

Em consulta ao endereço eletrônico da Câmara Municipal de Miranda do Douro (2021) encontraram-se informações acerca da constituição dessa tradição popular e considera-se que a dança e a música são expressões as quais demarcam a característica de um povo e, em Portugal, existem variados tipos de manifestações, mas ganha destaque a Dança dos Pauliteiros de Miranda, pois possui características bem diferenciadas e cuja origem remonta a uma antiga tradição celta, na qual representava a luta entre tribos rivais.

Mantendo-se a originalidade do ritualismo, a dança acontece nas festas solsticiais de Inverno e tem o simbolismo de profundo significado mitológico, ritos de iniciação, “mitos do eterno retorno”. E não há consenso sobre sua verdadeira origem, mas alguns historiadores, como Estrabão⁴, que conviveu com a historiografia do povo romano e sua incursão na Península Ibérica e de combates havidos com os povos dessa região, pode justificar a origem da dança.

Segundo visto em Santos (2010), antes da guerra propriamente dita, havia a preparação para o combate com essas danças, e afirma ter sido durante a idade do ferro, na Transilvânia, no século III, espalhando-se posteriormente pela Europa. Entretanto, com o

³ <https://www.vortexmag.net/pt>.

⁴ Geógrafo grego e de grande renome que nasceu provavelmente em 50 a. C e morreu no final da década de 20 d.C. De acordo com Silva (2010, p. 4-6) pertencera a uma família ilustre, da aristocracia regional do Ponto e de extrema influência nas instâncias de poder. E teve condições de viajar por várias regiões, principalmente para o Mediterrâneo Oriental – o local mais ocidental que visitou fora a Sardenha. Também esteve em Roma por quatro vezes. O livro III da Geografia de Estrabão é a parte da obra deste grego de Amaseia que pretende descrever a Ibéria. A historiografia acerca da chegada dos romanos à Ibéria é, em sua maioria, de origem espanhola e portuguesa.

passar do tempo, substituíram as armas pelos bastões, hoje, conhecidos, com o intuito de não se causar risco aos participantes do rito sendo mantidos os rituais para saudarem e celebrarem a fartura da colheita e a passagem dos solstícios de Verão e Inverno.

Há uma outra informação importante, agora, dando conta de que essa dança também teve influência da clássica dança pírrica guerreira atribuída aos Gregos, segundo o historiador Abade de Baçal⁵, quando há poucas diferenças entre essa e a dança dos Pauliteiros e, segundo visto no endereço eletrônico da Câmara Municipal de Miranda do Douro (2021), substituíram-se “[...] túnicas pelas saias, o escudo pelo lenço sobre os ombros, os chapéus enfeitados e a utilização da flauta pastoril”.

Outra informação esclarece haver semelhanças com danças populares do sul de França e na dança das espadas dos Suíços, na Idade Média, devido os Romanos a propagarem por essas regiões. Há controvérsias com essas comparações das danças pírricas; danças dos Romanos e a atual dança dos Pauliteiros, mas ao se compararem os passos, apenas diferenciam uma da outra em função dos trajes, sendo que, na pírrica:

os dançantes, com armas e escudos de pau, simulavam o ataque e a defesa na batalha, usavam túnicas vermelhas, cinturões guarnecidos de aço e os capacetes dos músicos eram emplumados e os bailadores colocavam-se em duas filas e dançavam ao som de flauta (PORTUGAL, 2021, s/n).

Já o traje dos Pauliteiros se constitui em:

os dançadores com armas e escudos de paus, também simulam o ataque e a defesa na batalha, mas usam diferentes trajes, que correspondem à natureza das danças guerreiras – trajes militares constituídos por: enéguas brancas, camisas de linho brancas, coletes com lenços coloridos sobrepostos e chapéus negros com flores coloridas (PORTUGAL, 2021, s/n).

⁵ Figura proeminente em Trás-os-Montes, no século XIX, nasceu em Bragança, a 9 de Abril de 1865. Francisco Manuel Alves fez o curso Teologia no Seminário de São José de Bragança e foi ordenado em 1889 dedicando-se ao estudo arqueológico e histórico da região. Os seus estudos foram muito abrangentes, desde a numismática e etnografia à epigrafia, arqueologia e paleografia, pretendendo publicar toda classe de escritos que pudessem ter importância para a região, preservando a sua memória e trazendo à luz aspectos desconhecidos (FOLCLORE DE PORTUGAL, 2021).

O traje dos Pauliteiros, figura 1, inspira-se nos modelos dos trajes militares greco-romanos, e o chapéu decorado representa o capacete militar. O colete em sorrubeco, uma espécie de pano grosso de lã de carneiro, “[...] trabalhado e a camisa de linho imitam a armadura. A saia em linho trabalhada, os lenços, as meias altas em lã pura e as botas em pele, fazem referência a essa época” (PAULITEIROS DE MIRANDA, 2020).

Destarte, essas danças, consideradas pagãs até o século X, passaram a ser observadas pela Igreja Católica quando se manifestavam nas festas dos santos por estarem correlatas às épocas solsticiais e em comemoração à colheita, sendo então incorporada aos folguedos cristãos nas festas dos santos padroeiros. É possível observar a verossimilhança de uma com a outra quando encenam perseguição, luta, saltos e a dança da vitória.



Figura 1 – Trajes dos dançarinos.
Fonte: Imagens de Portugal, 2021⁶.

Por fim, muitos estudiosos dessa manifestação concluem ser essa dança comum “[...] à Península Ibérica; que há nela tradições militares dos povos autóctones, dos greco-romanos, medievais e outras; embora possa ter existido anteriormente terá vindo com os repovoadores do reino de Leão” (PORTUGAL, 2021, s/n).

Isso é possível crer, já que se observa outras manifestações por outros lugares, mas sempre com a mesma essência, haja vista essa expressão popular não se restringir à Miranda, mas de vários grupos de aldeias circundantes, pertencentes ao Concelho de Miranda Do

⁶ Idem Figura 1.

Douro e, como já dito, ter sido encenada em outras regiões fora de Portugal, pois estende-se por toda a Espanha com a mesma forma e traços mais ou menos idênticos (PORTUGAL, 2021).

Na pesquisa realizada por Alge (2007), em 2003, ela contabilizou o total dez (10) associações que representavam os Pauliteiros, mas duas ainda não estavam catalogadas, que era das cidades de Constanti e da Póvoa, e um grupo da cidade de Picote não estava ativo nesse período. São eles:

Pauliteiros de Palaçoulo, Sendim, Duas Igrejas, Malhadas, Fonte de Aldeia, Cércio, São Martinho de Angueira, Granja, Picote e os Pauliteiros da Associação dos Professores do Planalto Mirandês. Ainda de acordo com a autora, as representações dessa dança são encontradas nos Concelhos de Miranda do Douro, de Vimioso e Mogadouro.

1.1. Caracterização dos Dançarinos e Parametrização

Visitando o endereço eletrônico oficial dos Pauliteiros de Miranda, encontra-se toda a organização e dados sobre os componentes do grupo e, de início, apresentam-se as principais características do grupo, pois essa dança tornou-se patrimônio cultural e imaterial da humanidade e seus participantes a divulgam por toda a Europa, bem como não são exclusivos da cidade de Miranda, pois são integrantes das várias aldeias que formam o Concelho de Miranda do Douro. Em detrimento a essa espacialidade, considera-se uma Dança Peninsular (PAULITEIROS DE MIRANDA, 2020).

E há essa manifestação espalhada pelas Américas, quando se viu a informação de haver grupos de pauliteiros de Miranda entre emigrantes transmuntanos em Buenos Aires, Argentina, em São Paulo e Rio de Janeiro, no Brasil e em Toronto, no Canadá. Também presente nos países de colonização espanhola, trazida por missionários espanhóis, como a Colômbia (TIZA, 2010).

Em relação aos movimentos e trajes da dança, na Figura 2, demonstra-se o momento de “embate” quando, na mão direita, há o ataque e, na mão esquerda, há a defesa e os paus representam o escudo e a espada. O grupo se organiza em oito homens somente, geralmente



jovens, pois devem demonstrar as habilidades de guerreiros. Já existem grupos formados por mulheres, um pouco diferenciados desse.

Já os tocadores, os músicos são três, sendo que um toca a Gaita de Foles Mirandesa, Figura 3, a qual funciona como instrumento melódico; outro toca a Caixa de Guerra que tem como função fazer sobressair os movimentos rítmicos da música e há o músico que marca o ritmo da dança com o Bombo. Os dançarinos, no total de oito, tocam as castanholas.



Figura 2 – Encenação da Dança dos Pauliteiros.
Fonte: Imagens de Portugal, 2021⁷.



Figura 3 – Tocador da Gaita de Foles.
Fonte: Imagens de Portugal, 2021⁸.

⁷ IMAGENS DE PORTUGAL. Disponível em: <http://www.imagesofportugal.net/-/stock-images/people-traditions/-/medias/97ccca70-a2e7-4947-ae6d-099a3d2b8ab3-pauliteiro-de-miranda-during-the-winter-solstice-festivities-i>. Acesso em: 27 jul 2021.

⁸ Idem Figura 1.

Na dança dos Pauliteiros de Miranda, os paus utilizados pelos componentes do grupo medem 40 cm e a melodia, o texto e a coreografia executados em cada parte tem o nome de lhaço (na língua mirandesa). O bailarino é chamado de dançador e cada lhaço se divide em quatro partes sendo:

1. Entrada: o gaiteiro toca a melodia da introdução a solo, servindo para afinar a gaita e preparar o início da dança, é igual em todos os Lhaços.
2. Anunciar o Lhaço: ainda a solo, o gaiteiro toca alguns compassos da melodia do Lhaço que se vai executar, para que os dançadores a identifiquem.
3. Lhaço: cada lhaço tem a sua melodia, baseado no texto ou numa linha melódica que lhe é particular. Cada Lhaço é repetido quatro vezes.
4. Bicha: trata-se da dança que serve para terminar o Lhaço (PAULITEIROS DE MIRANDA, 2020, s/n.).

Na Figura 4, abaixo, demonstra-se a performance do grupo completo (tocadores e dançadores) executando um dos ritos ou lhaços:



Figura 4 – Apresentação dos Pauliteiros de Miranda.
Fonte: Pauliteiros de Miranda, 2020.

Alge (2007) cita alguns elementos, ou lhaços (significa laços), da dança vistos nos Pauliteiros de Miranda que ainda só são vistos na execução quando se apresentam, quer seja em frente à igreja, quer seja em alguma outra apresentação fora da cidade de Miranda:



- a utilização do traje das saias nas actuações, mas nunca nos peditórios das festas religiosas que ainda são uma sobrevivência da função original dos Pauliteiros,
- a exibição do repertório segundo um crescimento do “espectacular”, com os lhaços O 25, que é “um lhaço para partir os paus”, Bicha, em que os Pauliteiros utilizam exclusivamente castanholas e Salto ao Castelo, em que um Pauliteiro salta por cima duma torre humana, no fim,
- garrafas de água dadas aos dançadores exaustos durante a actuação,
- os abraços entre os dançadores no fim da actuação [...]
- os lhaços Ofícios e Salto ao Castelo, que são, além dos paulitos e saias, logo associados aos Pauliteiros de Miranda pelos Portugueses em geral,
- outros lhaços incluindo uma coreografia teatral: por exemplo o lhaço Lhiêbre, Senhor Mio, China ou Caballero. Estes lhaços distinguem-se bem da maioria dos lhaços que soam e parecem quase iguais [...].
- a competição entre os diversos Pauliteiros de Miranda que contribui para uma constante transformação ou reconstrução da dança dos paulitos. Os grupos dão ao show uma nota pessoal alternando a coreografia tradicional pelos já mencionados elementos “identitários” e criando novos lhaços que na maior parte são adaptações de modas [...],
- o figurante na capa de honras e o portador da bandeira que acompanham os Pauliteiros nas actuações folclorísticas. A capa de honras nunca aparece nas festas religiosas de Miranda, nunca se utiliza nos ensaios e a sua função na dança dos paulitos é obscura. Talvez se veja nela um elemento tradicional inventado que serve para reforçar o misticismo atribuído à dança dos paulitos (ALGE, 2007, p. 356).

Outras informações sobre as apresentações desse grupo foram encontradas no sítio eletrónico da Câmara Municipal de Miranda Do Douro que diz:

- Exibição do repertório segundo um crescimento do espetáculo começando com o lhaço 25 (lhaço para partir os paus), a Bicha (em que se utilizam exclusivamente as castanholas) e o Salto do Castelo (na qual um pauliteiro salta por cima de uma torre humana).
- Os abraços dados entre os dançadores no fim de cada atuação.
- Os lhaços Ofícios e Salto do Castelo que são imediatamente associados aos Pauliteiros de Miranda pelos Portugueses em geral. Lhaços que incluem uma coreografia teatral: Lhiêbre, Senhor Mio, China ou Caballero.
- O figurante na capa de honras e o portador da bandeira que acompanham os Pauliteiros nas suas atuações.
- A iniciativa da recuperação de grupos é frequentemente tomada por antigos Pauliteiros, músicos ou emigrantes e a principal motivação dos dançadores é o convívio (PORTUGAL, 2021, s/n).

Em Tiza (2010, p. 162), esse autor relacionou os títulos das músicas executadas e que correspondem aos lhaços, são elas:

O vinte e cinco	La bicha
Senhor mio Jesucristo	La mulher
Mirandum em Miranda	Joanica
Mambrú, em Zamora	Las rosas
La pimienta	El pisón
Acto de contrição	La lhiebre
La verde	Las calles de Roma
La pimienta	La pousada
Belhano de Çamora	Enramada
La Carmelita	Canário
Ls oufícios	D. Rodrigo
Palombitas	Çaramontaina

As músicas e coreografias geralmente representam os lhaços a serem apresentados com temas referentes aos ritos “[...] religiosos, amorosos, pastoris, agrícolas, venatórios⁹, guerreiros, laborais, toponímicos, sarcásticos e de temáticas medievais”. Mantendo-se as tradições, geralmente partem após a alvorada dos gaiteiros, ou seja, por volta das 6h da manhã, e realizando peditório de forma antiga, quando dançam alguns lhaços em frente às igrejas e capelas, ou rezam em frente às casas que estão de luto, entre outras formas.

Dentre os lhaços exclusivos de Miranda do Douro, destacam-se:

Salto do Castelo – representado por uma torre humana, é quando alguns partipantes passam, com um salto, por cima da torre, representa pelos dançadores, os quais simulam o assalto a uma fortaleza e a dominam e terminam com o baile da vitória.

“Ls Oufícios” (designação mirandesa) ou “*Los Oficios*” (designação espanhola) – a dança é uma dramatização, na qual os dançarinos representam gestualmente as profissões referidas na letra da melodia, sendo essas as do lavrador, ferreiro, tosquiador fiador, tecelão,

⁹ Refere-se a uma música poética relacionada aos caçadores.



sacristão, sapateiro, moleiro, barbeiro, entre outros. Nesta dança o bailarino imita com gestos e com as varas cada um dos movimentos mais característicos desses ofícios, facilmente reconhecidos pelo público (TIZA, 2010).

1.2. Historicidade da cidade de Miranda Do Douro, em Portugal

Segundo visto no site infohistórico de Miranda Do Douro, a informação consta que essa cidade é a sede do Concelho e essa província Portuguesa de Trás-os-Montes é separada pelo rio do Douro, da província espanhola de *Castilla y León*. A história da fundação da Vila de Miranda começa em 1286, e, em 1545, D. João III elevou Miranda do Douro à categoria de cidade (MIRANDA DO DOURO, 2016).

Dessa feita, torna-se a capital de Trás-os-Montes, sede do bispado, residência do bispo, cónegos e mais autoridades eclesiásticas bem como militares e civis. Houve uma explosão por artefatos de canhão durante a Guerra dos sete anos, em 1762. E, no contexto da guerra, cerca de um terço da população – 400 pessoas – morreram, levando à ruína religiosa, demográfica e urbana de Miranda. Após duzentos anos, o Concelho assume a região, tornando-a produtiva e próspera, com grande desenvolvimento como se encontra hoje (MIRANDA DO DOURO, 2016).

Na sequência desse trabalho, apresentam-se as características da dança do Bate Pau, dos índios Terena, e pertencentes à região do Mato Grosso do Sul, no Brasil.

2. A Dança do Bate-Pau

Vou embora, eu já vim de onde oi o sol. De onde eu vim é onde foi o sol. Que é bonito o clarear do dia. Onde eu mostrei aqui é que já foi embora. Não tem aquele vermelho do sol? Foi embora. Eu vou passar por onde é aquela terra, que Pisa no barro, na lama, onde afunda o pé da gente. É isso aí, onde entra o sol, então eu vou embora.

(Música de pajelança Koixuminité).

Já a Dança do Bate Pau, também não se restringe tão somente à região da cidade de Miranda, local onde se têm aldeias tradicionais Terena, consideradas as mais antigas, mas a dança se distribui entre as aldeias de várias cidades de Mato Grosso do Sul. Segundo visto em

Oliveira (2016), o nome popular é o da Dança do Bate Pau, já na língua Terena, *Kohixoti-Kipaé* – a Dança da Ema –, essa é encenada na tribo Limão Verde.

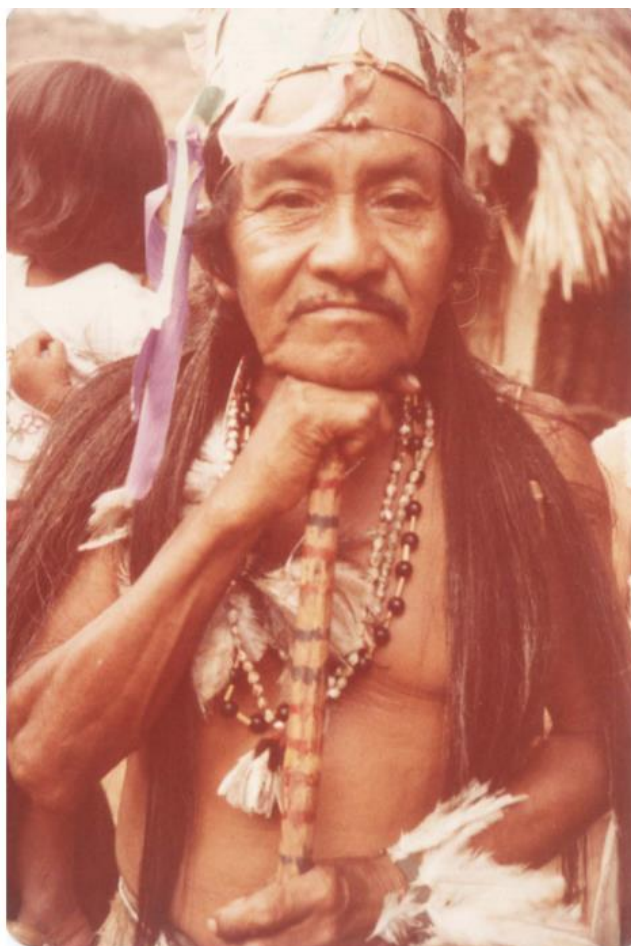


Figura 5 – Pajé (*Koixuminité*) Pascoal Dias – 1974 – Aldeia Limão Verde.
Fonte: Jesus (2007, p. 126).

Restringir-se-á à cidade de Aquidauana e Anastácio, bem como nas aldeias consideradas urbanas, pelo fato de já ter efetuado entrevista com anciões locais sobre a Dança do Bate Pau a fim de investigar suas peculiaridades. Segundo a entrevista que realizei no ano de 2007 com o Sr. Isac Pereira Dias¹⁰, a qual tratou especificamente sobre danças na aldeia.

¹⁰ Quando foi feita a entrevista (2007) o Sr. Isac estava com 76 anos, o mesmo foi cacique durante 20 anos na Aldeia do Limão Verde, aldeia que fica localizada a 18 km da cidade de Aquidauana/MS/Brasil.

Em seu relato, ele informou que a maioria das festas Terena acontecia no tempo das colheitas, quando se festejavam os alimentos produzidos.

Nesse momento, pintavam os corpos, vestiam-se a caráter e dançavam para comemorar. Na Aldeia Limão Verde, a dança do Bate Pau representa a identidade do povo Terena, é o maior motivo de orgulho e é uma dança de guerra, tendo em seus movimentos os gestos de ataque ao inimigo.

Entre o vestuário e os adornos utilizados, era comum um saiote que ia da cintura até os joelhos. Em 1845, segundo relatos de Castelnau, citado por Altenfelder (1949), usavam colares, pulseiras e enfeites para a perna. Eram adornos feitos pela ligação de sementes, contas ou dentes e ossos de animais, com fios de algodão. Os braceletes, às vezes de ouro ou prata. Nas festas, utilizavam diademas de penas vermelhas e saiotes de plumas de ema. As penas de papagaio e amarelas eram privativas dos chefes (Figura 6).



Figura 6 – Vestimentas ainda utilizadas nas cerimônias com a dança do Bate Pau.
Fonte: Marcos Quinhones.

Com o passar dos anos as danças diminuíram e a que ficou preservada e ainda hoje praticada, é a Dança do Bate Pau¹¹ que se reveste de caráter místico. Consiste em dois grupos

¹¹ Entrevista concedida pelo Sr. Isac Pereira Dias, no ano de 2007.

de índios, em número par, vestidos de saiotos de penas de ema e com o corpo pintado de branco, preto e vermelho. Praticamente, não são utilizadas mais as penas, algumas saias foram então substituídas por fibras de buriti, típico do pantanal, devido à proibição da Lei Ambiental de Preservação (Figura 7).



Figura 7 – Manifestação dos índios Terena e seus trajes típicos.
Fonte: Acervo da Autora.

Os tocadores são os mais antigos da aldeia que foram ensinando aos mais novos (até hoje). A única diferença é que, no início, era passado de pai para filho e, hoje, é pelo interesse da pessoa em aprender. São, então, ensinados desde pequenos. São assim compostos: flauta de bambu e tambor, feito da ximbaúva, madeira leve, e couro de animal, normalmente veado, e baquetas de guatambu.

O cacique da dança anuncia o início da dança, primeiro, aos tocadores ou pifeiros. Em seguida, com um grito, anuncia aos componentes que se organizam em filas duplas, perfazendo um total de 30 pares de homens, com idade variando entre 06 e 86 anos. Na flauta, segue o senhor Adão Cruz (76 anos) e, no tambor, o senhor Ari Machado (86 anos).¹²

O bastão que os dançarinos seguram em suas mãos normalmente é do tamanho (altura) da pessoa. É feito de bambu, por ser leve. Quando os dois bastões se encontram na batida e no

¹² As pessoas aqui referidas, são as que participavam da Dança do Bate Pau, no ano de 2007



compasso produzem um elevado barulho. São utilizados ainda o arco e a flecha. O arco é feito da madeira do jenipapo pelo fato de arquear, ou seja, formar o arco, e fio de seda do buriti, enfeitado com penas de qualquer passarinho (Figura 8).



Figura 8 – Execução do ritual da dança do Bate Pau.
Fonte: Marcos Quinhones.

Como vimos anteriormente, no caso da Dança do Bate Pau, o bastão utilizado não é pintado, apenas o corpo, que é pintado de branco, preto e vermelho, havendo a coincidência de duas cores. Abaixo, na figura 9, observa-se caracterização pelo tipo de pintura:



Figura 9 – Imagem de participante da dança do Bate Pau.
Fonte: Marcos Quinhones.

Os passos da dança são: o primeiro momento (*koho'o*) significa o passo do passarinho que fica na lagoa, o tuiuí. Ele vai ao encontro dos adversários em silêncio, uma perna após a outra. No segundo momento, começa a dança, com bambu batendo na ponta do outro bambu, sempre bem treinado para que nenhum acerte o outro na hora da dança. Significa o encontro com o adversário e a sua luta.

No terceiro momento, são utilizados o arco e a flecha, demonstrando, ainda, a luta com seus instrumentos de defesa. No quarto e último momento da dança, é feita uma roda e trançado o bambu, quando é levantado o cacique da aldeia, da dança ou alguém importante da aldeia ou visitante, demonstrando o sinal da vitória na luta. Em seguida, começa a dança das mulheres numa demonstração de sua alegria pela vitória.

O cacique da dança tem um papel muito importante: ele vai à casa de todos os moradores e convida as pessoas para participarem do festejo¹³. Por vontade própria de cada um, o convite é aceito ou não. Todos querem preservar a cultura e acabam participando. Cada participante deve confeccionar sua própria roupa, que tem um modelo a ser seguido.

O cacique reúne um grupo de 10 ou 12 pessoas, e esse grupo vai ao buritizal, pega as folhas e leva para a aldeia. Na aldeia, esse material é distribuído entre os dançadores que, por sua vez, devem respeitar o padrão e ter capricho na confecção. Normalmente, na Semana do Índio, os ensaios são intensificados, com início às 19 horas em frente ao posto da Funai.

O cacique da dança é escolhido pelo próprio grupo que dança, obedecendo a algumas exigências: deverá falar a língua Terena, ter bom comportamento, saber conduzir o grupo até o final da dança, ser organizado e convidar a comunidade a participar. Geralmente, são eleitos dois caciques: o principal mais um. Quando um não pode comparecer por qualquer eventualidade, o outro prontamente o substitui, o representa e comanda a dança (Figura 10).

É função do cacique da dança orientar a pintura, as cores, a roupa, os adornos, a dança, pedir licença à escola para os ensaios, para que os membros possam viajar, pelo comportamento, pela alimentação. Enfim, é o responsável pelo grupo.

¹³ Atualmente, os alunos selecionados para compor o corpo de danças devem ser bons alunos, terem bom comportamento e respeitarem os mais velhos.



Figura 10 – Momento de coordenação e escuta do cacique da dança Terena.
Fonte: Marcos Quinhones.

2.1. Historicidade do Município de Miranda, no Mato Grosso do Sul

Buscando-se saber sobre a origem de ambas as cidades e a fim de investigar se havia alguma correlação para se justificar as duas manifestações culturais similares e em cidades com o mesmo nome, mas em países diferentes, pesquisou-se o topônimo “Miranda” analisando sua origem e como tal espaço foi distribuído e designado (MATO GROSSO DO SUL, 2021).

Assim, quanto à cidade de Miranda, localizada em Mato Grosso do Sul, a pesquisadora consultou o endereço eletrônico da Prefeitura de Miranda, no qual informa sobre a região ter começado a receber europeus no século XVI, e dizem os registros terem sido devido a Aleixo Garcia ter sido o pioneiro a passar pela região: “Aleixo, em 1525 atravessou a

região em busca de um local onde houvesse prata, seguiu até a Bolívia e não regressou, pois não sobreviveu a viagem” (MATO GROSSO DO SUL, 2021).

Os espanhóis, em 1593, para assegurar a posse da região, fundaram a cidade de Santiago de Xerez, por Ruy Dias de Gusman. Segundo as informações encontradas, anos após, “procurando impedir o avanço espanhol em direção às minas de Cuiabá, onde fora descoberto ouro, em 1719, pelo bandeirante paulista Pascoal Moreira Cabral, fundou-se um presídio e, mais tarde, transformado em Forte Coimbra”, abaixo do rio *Mbotetei*. Esse rio passou a ser o rio Mondego. Para evitar que os espanhóis entrassem na região novamente, foi lançado o alicerce da vila Mondego (Miranda), no dia 16 de julho de 1778 (MATO GROSSO DO SUL, 2021).

Em 03 de novembro, de 1797, foi a data da fundação do Presídio de Miranda. A elevação da localidade à categoria de Vila aconteceu em 30 de maio, de 1857, por Lei Provincial, e recebeu o nome de Miranda em homenagem ao ex-Governador da Província de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Foi elevada a categoria de Município de Miranda por Lei Provincial em 07 de outubro de 1871. Assim sendo, o termo Miranda foi uma homenagem e não uma influência, ou nome trazido de Portugal para ser colocado em uma pequena aldeia no Brasil (MATO GROSSO DO SUL, 2021).

Conclusões

O trabalho de pesquisa apresentado neste artigo objetivou investigar, por meio da observação da pesquisadora, quando essa realizou uma entrevista para completar o seu trabalho de conclusão do curso na Aldeia Limão Verde, com os índios da etnia Terena, na cidade de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul e incursionar no interior de Portugal, quando da visita à cidade de Miranda do Douro e tomar conhecimento sobre a apresentação cultural local existente, após ler uma reportagem falando sobre essa, chamando-lhe a atenção para uma possível analogia entre ambas as apresentações culturais.

Pôde-se observar haver similitudes entre as manifestações da dança do Bate Pau, oriunda das festividades e dos rituais de guerra presentes na organização cultural dos índios Terena, habitantes da região do estado de Mato Grosso do Sul, precisamente na Aldeia do



Limão Verde, e a manifestação popular da dança dos Pauliteiros de Miranda. As danças se manifestam em diversas regiões, tanto no Brasil, quanto em Portugal, portanto, são manifestações populares comuns aos grupos com poucas variações.

Entretanto, se diferenciam quando, na cultura indígena, se preservam seus ritos, sua língua, religião, culinária e tradições próprias e, na dança do Bate Pau simboliza, na tradição dos índios Terena, os momentos que antecedem ou finalizam as guerras travadas.

Já na manifestação cultural da dança dos Pauliteiros de Miranda, os atos encenados são festas mais de cunho popular, mas que antes, representavam também as lutas e, quando executadas nos solstícios de verão e inverno, representavam as festividades da colheita e, ainda hoje, os atos, ou lhaços, apresentados saúdam os diversos trabalhadores rurais. E ambas as danças representa-se a identidade popular de cada grupo e, tanto numa quanto na outra, as danças sempre foram restritas aos homens, mas, em ambas, já existem mulheres executando-as, sendo uma coreografia diferenciada. Evidenciou-se que, nas danças indígenas dos Terena, e na Dança dos Pauliteiros, podemos inferir ter traços semelhantes, mas não idênticos, não cópias de um ou de outro.

Essas semelhanças representadas por exemplo quando observamos na Dança dos Pauliteiros o Salto do Castelo – uma torre humana, quando alguns participantes passam, com um salto, por cima da torre, representa pelos dançadores, os quais simulam o assalto a uma fortaleza e a dominam e terminam com o baile da vitória. No caso dos Terena, o trançado dos bambus para elevar o cacique e demonstrar o seu poder, a sua vitória na luta. No caso dos Pauliteiros de Miranda, observamos na dança uma dramatização, na qual os dançarinos representam gestualmente as profissões referidas na letra da melodia, sendo essas as do lavrador, ferreiro, tosquiador fiador, tecelão, sacristão, sapateiro, moleiro, barbeiro, entre outros, facilmente reconhecidos pelo público. (TIZA, 2010). No caso da Dança Indígena do Bate Pau, reconhecemos a batalha travada e a vitória.

É difícil precisar fatos históricos na época do descobrimento e colonização do Brasil, pois não há registro, pode-se inferir ter havido influência do próprio povo nômade que povoou as Américas ou quando se viveu na Era do Ferro, cuja origem da dança dos Pauliteiros é reportada ou da própria civilização celta, pois sua origem é desconhecida, mas é atribuída em virtude de alguns registros da civilização greco-romana.



Em relação à possível intervenção do Concelho de Miranda do Douro no nome da cidade de Miranda, de MS, concluiu-se não haver correlação, pois o motivo do nome dessa cidade foi apenas referente a uma homenagem a um antigo governador, tendo sido apenas uma coincidência toponímia.

Entretanto, é possível concluir a importância de que se tem em conta de se preservarem as tradições de um povo, pois são essas que demarcam a formação identitária e na qual se busca tornar presente os costumes e história de um povo para servir às novas gerações.

Referências

ALGE, Barbara. The Pauliteiros de Miranda: from local symbol to intangible cultural heritage? **Revista Etnográfica**, novembro, v. 11, n. 2, p. 353-369, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v11n2/v11n2a03.pdf>. Acesso em: 27 jul 2021.

JESUS, Naine Terena de. **Kohixoti-Kipáe, a Dança da Ema – Memória, Resistência e Cotidiano Terena**. (Mestrado) Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu do Instituto de Artes, da Universidade de Brasília (UnB) Brasília, DF, 2007.

OLIVEIRA, Eder Alcântara. Uma apresentação iconográfica dos rituais religiosos/culturais Terena na Aldeia Buriti, MS. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 16, n. 30, p. 177-186, jan./jun. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v0i30.394>. Disponível em: [file:///C:/Users/profl/Downloads/394-Texto %20do%20artigo-1420-2-10-20170330.pdf](file:///C:/Users/profl/Downloads/394-Texto%20do%20artigo-1420-2-10-20170330.pdf). acesso e: 20 jul. 2021.

PAULITEIROS DE MIRANDA. Endereço Eletrônico. **Início. O grupo**. Disponível em: <http://www.pauliteiros.com/>. Acesso em: 27 jul 2021.

PORTUGAL. Câmara Municipal de Miranda do Douro. Sítio eletrônico. **Conhecer. Cultura. Pauliteiros**. Disponível em: <https://www.cm-mdouro.pt/pages/145>. Acesso em: 25 jul 2021.

MATO GROSSO DO SUL. Prefeitura Municipal de Miranda. Sítio Eletrônico. **Institucional. História**. Disponível em: <https://miranda.ms.gov.br/historia/>. Acesso em 20 jul 2021.

MIRANDA DO DOURO. Sítio Eletrônico. **História**. Disponível em: <https://miradadodouro.info/historia/>. Acesso em: 24 jul 2021.

NUNES, Artur, in CORREIA, Mário. A dança dos pauliteiros, Memória e identidade da terra de Miranda. 2018. Câmara municipal de Miranda do Douro. Portugal.

SILVA, Bruno dos Santos. Estudos sobre Estrabão. **Mare Nostrum**, v. 1, p. 1-14, ano 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/profl/Downloads/105760-Texto%20do%20artigo-186279-1-10-20151013.pdf>. Acesso em: 14 jul 2021.



TIZA, António A. Pinelo. A dança dos paus: paloteo da província de Zamora e pauliteiros do distrito de Bragança. **Stvdia Zamorensia**, v. IX, p. 139-164, 2010. ISSN 0214-376. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3831926.pdf>. Acesso em: 14 jul 2021.

VORTEX, PT. <https://www.vortexmag.net/pt>



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: 06 de setembro de 2021.
Artigo aprovado para publicação em: 28 de novembro de 2021.